

V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura
27 a 29 de maio de 2009
Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

O TRIUNFO DA SENSIBILIDADE: A REPRESENTAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE FEMININA EM A FAVORITA

Tiago Sant'Ana¹
Gislene Mesquita²

Resumo

Este texto tem como objetivo analisar a representação da homossexualidade feminina na telenovela *A favorita*. O artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla realizada pelo grupo Cultura e Sexualidade (CUS) sediado no CULT - Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura -, que tem como meta analisar todas as representações de personagens homossexuais veiculadas nas telenovelas da Rede Globo. A homossexualidade feminina em *A favorita* é presenciada na personagem Stela, cozinheira sensível e acanhada, que acreditamos estar inscrita dentro de um modelo heteronormativo. Este artigo tem embasamento teórico mais acentuado na teoria queer e em demais estudos gays e lésbicos.

Palavras-chave: Teoria queer - Telenovela - homossexualidade - heteronormatividade

Introdução

Este artigo, que apresenta a primeira versão da análise da novela *A favorita*, está incluso numa pesquisa³ mais ampla, que tem como meta analisar todas as novelas veiculadas pela Rede Globo e peças do teatro baiano que tenham homossexuais em seus enredos. As análises são realizadas por membros do CUS (Cultura e Sexualidade), grupo integrante do CULT (Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura), e também do NESPOC (Núcleo de Estudos em Sociedade, Poder e Cultura) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. Com os resultados da pesquisa concluídos, a proposta é discutir e elaborar políticas culturais voltadas para o respeito à

¹ Graduando de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. É pesquisador voluntário do Núcleo de Estudos em Sociedade, Poder e Cultura (Nespec), sendo integrante da linha de Cultura e Sexualidade.

² Graduanda de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. É pesquisadora voluntária do Núcleo de Estudos em Sociedade, Poder e Cultura (Nespec), sendo integrante da linha de Cultura e Sexualidade.

³ A pesquisa recebe o apoio da Fapesb – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.

diversidade sexual. O embasamento teórico utilizado para analisar essas obras é pautado, sobretudo na teoria queer, mas também são usados bibliografias referentes aos estudos culturais e estudos gays e lésbicos.

Para a melhor observação das obras, uma metodologia foi criada por Colling (2008), com base em estudos feitos anteriormente por Moreno (2001) e Peret (2005). Colling analisou a peça escrita por Marcos Barbosa, *Avental todo sujo de ovo*, e deu forma a um novo método de análise. O diferencial da metodologia elaborada por Colling em relação a adotada pelos outros dois autores está no uso da teoria queer e também a consideração de que nem todos os personagens homossexuais que tem gestualidade considerada estereotipada reduplicam a homofobia e o preconceito. Os outros autores consideravam que os homossexuais que foram representados dentro do que consideramos um modelo heteronormativo constituem uma boa representação da homossexualidade. Porém, Colling ponderou que o personagem afeminado, quando humanizado, não reduplica necessariamente os preconceitos e a homofobia. Os pesquisadores do CUS consideram humanizado aquele/a personagem que não é abjeto. Segundo Judith Butler, ser abjeto “[...] relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’” (Prins e Meijer, 2002, p. 161). Ou seja, na abjeção a própria humanidade do indivíduo é negada.

Como se sabe, os meios de comunicação são tidos como um novo elemento socializador dos indivíduos e que funciona ativamente na formação e/ou na transformação da identidade das pessoas. E, dentro desses veículos, as telenovelas têm grande destaque, principalmente no Brasil. O que é mostrado positivamente nas telenovelas acaba entrando no cotidiano social e encarado como bom e até copiável por parte da população. A representação nas telenovelas então surge como uma forma de tentativa de transcrever em uma obra televisiva a realidade social vivida. Porém, como lembra Michel Foucault (1995), as narrativas nunca abarcariam toda a realidade em suas múltiplas, diversas e possíveis interpretações. Foucault também chama atenção para o que tange a repetição dos discursos. Ele afirma que todo discurso tem base no que já foi dito anteriormente. Percebemos que, ao reiterar certos discursos em detrimento de outros, acaba-se construindo uma hegemonia, que, quando chega ao povo, acaba passando uma idéia de que só existe aquilo que é evidenciado, ficando à margem aquilo que não tem ênfase ou não é mostrado. Numa associação com a representação das telenovelas, a heteronormatividade vista nos personagens homossexuais acaba

construindo um discurso que tem como base a heteronormatização dos personagens homossexuais, criando assim uma ideia de assimilação e de uma padronização que exclui a diversidade sexual não-hetero que não se identifica com esse tipo de modelo.

Segundo Pino (2008, 2007, p.160), a heteronormatividade ou heterossexualidade compulsória pode ser entendida como uma "obrigação social de se relacionar amorosa e sexualmente com pessoas do sexo oposto". Esse modelo é um dos tópicos mais combatidos pela teoria queer. Os/as teóricos/as tentam discutir e desmistificar a hegemonia do heterossexual, que tem base no princípio da reprodução e da naturalização do sexo. Guacira Lopes Louro, ao relatar sobre os sujeitos que transgridem as normas e as convenções normatizadas na sociedade, diz que

aqueles e aquelas que transgridem as fronteiras de gênero ou de sexualidade, que as atravessam ou que, de algum modo, embaralham e confundem os sinais considerados 'próprios' de cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes e desviantes.[...] Esses sujeitos são tratados como infratores e devem sofrer penalidades. Acabam por ser punidos, de alguma forma, ou, na melhor das hipóteses, tornam-se alvo de correção. (LOURO, 2004, p. 87)

Diferente dos sujeitos que se condicionam à heteronormatividade, temos os sujeitos *queers*, que utilizam uma política que em vez de utilizar do discurso de assimilação, adotam uma etiqueta da perversidade, desfrutando da sua periferia e destacando "[...] a norma daquilo que é 'normal', seja heterossexual ou homossexual." (GAMSON *apud* COLLING, 2007, p. 5). A utilização positivada do termo *queer* desafia o sentido pejorativo da palavra, usada como uma expressão de insultos a gays; no inglês, a palavra significa estranho, esquisito, exótico.

Depois dessas breves observações, trazendo para o campo das telenovelas, Colling (2008), fez uma análise superficial e retrospectiva das telenovelas e constatou que

em um primeiro momento, as telenovelas associaram os homossexuais com a criminalidade. Logo depois, os personagens foram construídos com base nos estereótipos da 'bicha louca' e/ou afetados e afeminados. Nos últimos anos, as tramas passaram a também representar os personagens homossexuais dentro de um modelo que consideramos heteronormativo (p.2).

Dentro dessas representações, percebemos uma frequência de lésbicas sendo representadas nas telenovelas veiculadas nos anos 2000. Em 2003, *Mulheres apaixonadas* trazia em sua trama um casal lésbico de jovens inscrito dentro de um modelo heteronormativo; em *Celebridade* vimos a representação de um envolvimento rápido da personagem Laura, interpretada por Claudia Abreu, com Dora, personagem de Renata Sorrah; em *Senhora do destino* o autor Aguinaldo Silva colocou na trama um

casal lésbico, que trouxe a discussão da adoção de crianças por homossexuais. E, por fim, temos *A favorita* - objeto de análise desse artigo. Ao final do trabalho, tratamos de tentar dialogar com as representações de lésbicas dessas novelas em comparação com a abordagem feita pela personagem Stela, de *A favorita*.

Análise da homossexualidade em *A favorita*

Título: *A favorita*

Diretor: Ricardo Waddington

Autor: João Emanuel Carneiro

Elenco principal: Cláudia Raia (Donatela), Patrícia Pillar (Flora), Marcelo (sem representação), Lara (Mariana Ximenes), Irene (Glória Menezes)

Elenco mais diretamente ligado com a temática homossexual: Paula Bulamarqui (Stela), Lília Cabral (Catarina), Jackson Antunes (Leonardo), Vanderlei (Alexandre Nero), Átila (Chico Diaz), Mariana (Clarisse Falcão), Orlandinho (Iran Malfitano), Halley (Cauã Reymond), Maria do Céu (Deborah Secco).

Tempo de exibição: 2 de junho de 2008 a 16 de janeiro de 2009. Ao total, foram 197 capítulos. Cada capítulo tinha duração de 60 minutos, exceto às quartas-feiras.

Resumo do enredo:

A favorita traz em sua trama central a história de duas mulheres que lutavam pela revelação da autoria do assassinato de Marcelo (sem representação na novela). Esse homem era marido de Donatela (Claudia Raia) e amante de Flora (Patrícia Pillar) - com quem teve uma filha, Lara (Mariana Ximenes), criada por sua esposa, já que Flora se encontrava presa acusada pelo homicídio.

Após a libertação de Flora, Irene (Glória Menezes) - mãe de Marcelo - ajuda-a dando dinheiro e casa, por acreditar na inocência da amante de seu filho. No decorrer da novela todo o clímax em torno do velho chavão do "Quem matou?" é ativado. Flora foi revelada como a autora do crime. Mas, a trama continuava, pois o segredo foi revelado somente para Donatela. A partir disso, Flora foi maquinando planos contra Donatela até conseguir colocá-la atrás das grades. Na prisão, ela elabora um plano de fuga com outra detenta que acaba ajudando-a a fugir. Em liberdade, Donatela consegue correr atrás de pistas e prova a sua inocência a todos, recuperando a confiança de sua ex-sogra, Irene, e sua filha, Lara.

A temática da homossexualidade é trazida em dois núcleos diferentes de *A favorita*: em um, Orlandinho (Iran Malfitano), um mauricinho afetado, que vivia correndo atrás do até então michê Halley (Cauá Reymond) e no decorrer da novela, se apaixona, assume um filho que não é seu e se relaciona afetivamente e sexualmente com Maria do Céu (Deborah Secco), uma ex-prostituta. Em outro núcleo, Stela (Paula Bulamarqui) é uma cozinheira que chega à cidade de Triunfo e que nutria um amor platônico por Catarina (Lilia Cabral). Esse artigo, porém, só dará conta de analisar a representação da homossexualidade feminina em *A favorita*.

Stela era dona e cozinheira de um restaurante em Porto Alegre, mas, abandonou sua vida no Rio Grande do Sul para viver em Triunfo - cidade construída e habitada por operários da fábrica de papel pertencente ao Grupo Fontini. Ela tinha terminado um relacionamento de dez anos com Isabel (sem representação na novela) em Porto Alegre, onde mantinham um restaurante. Ao chegar à cidade, Stela foi alvo da observação e admiração dos homens do local, incluindo entre esses, Leonardo (Jackson Antunes), operário beberrão e marido de Catarina.

Ao se instalar em Triunfo, Stela manteve uma banca onde vendia salgados e quitutes, chegando até a ser convidada para ser sócia de Átila (Chico Diaz) na barraca de cachorro-quente que ele possuía. A cozinheira recusou o convite, ao revelar o seu objetivo de abrir um restaurante na cidade.

Após o período de adaptação em Triunfo, Stela abre o seu restaurante. Com o contato que ela mantinha com Mariana (Clarice Falcão), filha de Catarina, a cozinheira convidou a mãe da garota para que ela fosse trabalhar no estabelecimento, fazendo serviços de ajudante de cozinha e garçomete. Catarina era uma dona de casa submissa e obediente ao seu marido, Leonardo, que a humilhava e agredia-a. Leonardo era um homem machista e ditador que não aceitava nenhum tipo de reclamação vinda de Catarina. Ela, mesmo sendo aconselhada pelos seus familiares a romper com o seu casamento com Léo, continuava dentro de casa servindo o seu marido.

Depois de sair de casa e abandonar Léo, Catarina acaba voltando de novo para casa e foi convidada por Stela para trabalhar em seu restaurante. Ela, inicialmente, relutou e não aceitou o convite, diante das pressões feitas por seu marido, que não aceitava que ela trabalhasse fora de casa. Após refletir e perceber que esse seria um passo de independência em relação a Leonardo, Catarina aceitou o convite feito por Stela.

As duas dividiam as tarefas no restaurante, que era bem visitado pelos

moradores e trabalhadores de Triunfo. Leonardo sempre ia ao estabelecimento humilhar Catarina, que encontrava consolo com Stela - que logo tratava de expulsá-lo do seu restaurante e dar força à sua amiga. As duas nutriam uma amizade forte, sendo que a cozinheira sempre se ocupava de incentivar Catarina a não aceitar os insultos e a submissão ao seu marido violento e machista.

Stela revela a Catarina a sua homossexualidade. Ela conta que sua suposta amiga que morreu de câncer era, na verdade, seu grande amor. Ao chorar pela morte de Isabel, Stela revela que teve um relacionamento com ela por dez anos. Catarina fica surpresa com a revelação da homossexualidade da amiga e diz que ela não parece ser lésbica devido a sua feminilidade.

Stela não teve só seu segredo revelado para Catarina. Após invadir a casa da cozinheira, Leonardo encontrou fotos e cartas onde ela e sua companheira revelavam todos os seus sentimentos. O operário então entra no restaurante de Stela e revela que sabe que ela é lésbica, com todos os requintes de homofobia e heteronormatividade. As pessoas que estavam no estabelecimento saem do local sob o choro de Stela e o desespero de Catarina, que tentava enxotar Leonardo do restaurante.

Depois desse escândalo, Stela e Catarina lutavam para restabelecer o restaurante, que passou a ser pouco visitado pela população de Triunfo. A baixaria de Leonardo no restaurante também foi o estopim para que Catarina pedisse a separação e saísse de casa. Ela passa a ser então seduzida pelo verdureiro Vanderlei (Alexandre Nero). Ela inicialmente não retribui os sentimentos dele, mas acaba cedendo ao romantismo e ao amor que ele nutria por ela, aceitando namorar ele sob o olhar e as práticas reprovadoras de Leonardo. Stela sente-se enciumada pelo relacionamento de Catarina e Vanderlei, mudando de conduta em relação a ela.

As duas seguem amigas e os sentimentos amorosos de Stela com relação à Catarina afluem com o maior convívio das duas. Catarina fica sabendo do amor da sua amiga quando o filho de Isabel - ex-companheira de Stela - vai para Triunfo. Ele então revela que Stela estava apaixonada por ela. Quando perguntada sobre o assunto, Stela confirma e fala sobre tudo o que sente para Catarina - que explicita sentir prazer de ser o novo amor de Stela, apesar de que ela não retribuiria por não ser lésbica.

Diante do relacionamento com Catarina, Vanderlei pede-a em casamento e ela aceita. Decepcionada, Stela decide ir para Buenos Aires - cidade onde sempre quis morar - e deixa o restaurante sob a administração de Catarina. Nas vésperas do seu casamento, Catarina reflete sobre sua vida e revela a seu noivo que não quer mais se

casar, apesar de tudo de bom que ele tinha proporcionado a ela.

Convidada a viajar com Stela, Catarina também vai para Buenos Aires – apesar disso, uma relação homossexual entre as duas não foi deixada explícita. Enfim as duas estavam unidas em um dos destinos mais *gay-friendly* da América Latina.

“Posição do personagem no enredo: se é principal, coadjuvante, se faz ponta, figuração, citada ou recorrida.” (Moreno, 2001, p.167).

Stela é coadjuvante em *A favorita*. Ela faz parte do núcleo de Triunfo e é citada ou mostrada com frequência quando a novela retrata o cotidiano da cidade. De certa maneira, depois da aparição e do desenvolvimento da personagem, sua aparição estava vinculada maciçamente à Catarina e/ou Léo.

“Contexto social do personagem: a que classe ele pertence” (Moreno, 2001, p.167):

Stela parece pertencer à classe média. Ela tem um restaurante na cidade de Triunfo, onde também desempenha a função de cozinheira. A classe a qual a personagem está inserida pode também ser constatada por Triunfo se tratar de uma cidade habitada pelas famílias dos operários da fábrica de papel Fontini.

Cor:

Stela é caucasiana, tem cabelos loiros e olhos castanhos.

Profissão:

Stela é empresária, dona de um restaurante, além de ser a cozinheira desse estabelecimento. O lugar é freqüentado pelas pessoas que moram na cidade de Triunfo. No início da aparição do personagem, ela chegou à cidade e montou uma banca onde vendia quitutes.

Aspectos da linguagem utilizada e da composição geral do personagem:

Tipos de gestualidade:

- 1) estereotipada, com gestual explícito que caracteriza de forma debochada e desrespeitosa à personagem homossexual;
- 2) gestualidade típica de alguns sujeitos queer, especialmente os adeptos de um comportamento/estética camp;
- 3) não estereotipada (gestual considerado “normal” e “natural”, sem

indicação de homossexualidade, inscrito dentro de um comportamento heterossexual);

Stela se enquadra no item três. Ela possui uma gestualidade tida como "comum". Tem jeitos associado ao gênero feminino e aborda as pessoas com delicadeza e cordialidade. Não transgredir a heteronormatividade e dá sustentação à sua condição de estar no armário.

“Subgestualidade: compreende o vestuário, maquiagem e adereços utilizados/usados pela personagem” (Moreno, 2001, p. 167):

A personagem tem um vestuário composto principalmente de calças jeans justas, que realçam as formas do seu corpo, e camisas *baby-look* coladas ao corpo, sem estampas e com grandes decotes. Além disso, ela usa bolsas grandes e sandálias de salto baixo ou rasteiras. A maquiagem de Stela é leve e sem muitas cores e brilhos, típica do dia-a-dia. Seus cabelos têm um corte chanel clássico, dando-lhe um ar de elegância. Usa alguns acessórios discretos, como relógio, pulseira e colar de ouro.

"O psicanalista Marcus Teixeira argumenta que na tradição ocidental de estudos sobre o inconsciente, o gênero feminino é visto como 'máscara vazia' que é colocada, através de diversos artifícios, sobre um corpo para moldá-lo de forma a ser desejável e assumir atributos ditos femininos." (LIMA, 2008, p. 11) Conforme fala Lima, baseado em Teixeira, percebemos que as características da subgestualidade de Stela estão associadas a uma feminilidade - que foi desejada na composição do personagem, para diferenciar a personagem da representação da lésbica masculinizada.

Análise de seqüências: “É um recurso para detalhar mais as ações de um filme (em nosso caso a telenovela ou as peças) e explicitar o seu conteúdo de forma minuciosa, como diante de uma lente de aumento.” (Moreno, 2001, p. 168):

Em uma das cenas destacadas pela mídia, entre as atrizes Paula Bulamarqui e Lilia Cabral, a personagem Stela se assume lésbica. Ela conta o relacionamento que teve por dez anos com Isabel.

A cena é marcada pela delicadeza, leveza e um toque de ingenuidade - por parte da personagem Catarina - quanto às lésbicas.

Na cozinha do restaurante, Stela olha a foto de Isabel de cabeça baixa e com os olhos marejados. Após um close na foto da mulher, Catarina entra na cozinha com pratos

sujos do restaurante e os deposita na pia.

Catarina: Bom, o salão já está todo arrumado, agora só faltam esses pratos para lavar e podemos fechar. Hoje acabou cedo, né?! *Catarina senta à mesa na cadeira ao lado de Stela suspirando. Com um sorriso maroto ela olha para Stela.*

C: Tá tudo bem?

Stela: Tá. *Desviando o olhar de Catarina e com um tom de voz baixo.* Não precisa se preocupar com a louça, não. Depois eu cuido disso.

C: Vamos comer esses dois pedaços de torta de chocolate que sobrou? Tava de olho neles desde que cheguei. Vamo?

As duas riem. E Catarina dá o prato de torta para Stela e pega o seu.

C: Adoro chocolate! Adoro!

Catarina suspira e leva um pedaço do doce à boca. Aprova o sabor ao expressar um "hum!"

C: Como eu amo chocolate! Que delícia!

Catarina come sob o olhar e um discreto sorriso de Stela.

C: Quando eu era criança eu comia tanto chocolate, tanto chocolate, que a minha mãe me proibiu. De uma hora para outra acabaram as tortas, os bolos, os doces. Chocolate era uma palavra proibida na minha casa.

Catarina olha para a foto em cima da mesa, apontando com o nariz para ela e esticando o pescoço para vê-la.

C: Essa foto aí é a foto da sua amiga que morreu?

Stela abaixa a cabeça

S: É!

Stela estende a mão e entrega a foto para Catarina. Catarina analisa a foto.

C: Nossa! Que bonitona! E jovem, não é?!

A imagem é cortada para o rosto de Stela que começa a chorar.

C: Ah, Stela! Stela, não fica assim! *Catarina leva a mão ao rosto.* Sabe o que você tem que pensar? Que ela descansou, né?!

Chorando Stela responde:

S: Não consigo aceitar. É como se minha vida estivesse acabado, sabe?

C: Vocês eram muito amigas, não é? Eu sei como é. É aquele tipo de amiga que não é como amiga, é quase uma irmã, não é? Quando eu tinha quinze anos, eu também tive uma amiga assim quase irmã que eu perdi, era uma amiga de colégio.

S: A Isabel... A Isabel era mais do que amiga.

Catarina balança a cabeça positivamente.

C: Eu sei. Eu entendo, perfeitamente. Quando eu perdi minha amiga eu fiquei arrasada também. É uma dor, uma dor. Parece que um pedaço da gente vai junto. Mas fazer o que? A vida é assim.

Uma breve pausa na conversa.

S: Catarina, a Isabel não era só uma amiga.

C: Eu entendi, perfeitamente. Eu entendi. Ela era uma grande amiga. A maior amiga. Uma irmã. Eu entendi. Eu entendi.

Pausa. Stela olha para Catarina, com um ar de riso no rosto.

S: A Isabel era meu amor... Minha amada... Minha amante... Minha namorada...

Catarina faz uma cara de espanto e a conversa é pausada.

C: Como é que era isso?

S: Eu fui casada com essa mulher, Catarina.

Catarina faz cara de surpresa e uma pausa é feita na conversa.

C: Stela, é... Eu acho que... Você falou... É... Acho que entendi. É... Você falou que já foi casada com uma mulher?

S: Falei. Eu e a Isabel, nós vivemos juntas por dez anos.

Pausa

C: É?

S: Você tá chocada?

C: Não. Não. Não é isso, não. Não. Pelo amor de Deus, hein?! Não me leva a mal. É que... É... Eu não esperava, né?! Eu nem imaginava que... que... Stela eu posso ser sincera? Na verdade, eu não entendo muito bem dessas coisas.

Pausa. Stela ri.

S: Não tem nada que entender, não, Catarina. Você só tem que entende o que é o amor. Eu conheci a Isabel tem pouco mais de dez anos, numa viagem. Ela tinha acabado de se separar do marido, tinha um filho de oito anos. A gente se conheceu, ficamos amigas e nos apaixonamos.

Pausa. Catarina arregala os olhos.

C: E ela era casada?

S: Ela tava separada do marido há algum tempo. A gente começou a namorar... Aí, decidimos morar em Porto Alegre, abrimos os nossos restaurantes. Começamos uma vida juntas.

C: E vocês viveram juntas esse tempo todo?

S: É. Juntas. Dividimos uma casa, contas, problemas, alegrias. Criamos juntas o Gabriel, aquele rapaz que você viu, enfim, vivemos uma história de amor como todo mundo, como qualquer casal.

Catarina faz cara de espanto.

C: Agora... Agora eu tô entendendo.

Pausa. Stela abaixa a cabeça.

S: Eu fiquei com ela até o final... Muito duro. Ela queria tanto viver. Mas a gente sabia que ela ia morrer.

Pausa. Olhando para a foto novamente, Catarina fala:

C: Posso ver?

S: Claro!

C: É estranho, né? Porque... vocês duas, assim... Olhando assim... Não parece que você são... Cê entende, né?! Geralmente é assim, né?!... Vocês são tão femininas, não é?!

Stela ri.

S: Não tem nada disso, Catarina. Duas mulheres podem ser delicadas, femininas, não ter nada masculino, e, mesmo assim, se amarem.

C: É... É... Deve ser, né... Sei lá. É bobagem minha... Ai, ai... É... Isso me entonta. Essas coisas, né?!

Pausa

C: Bom... Eu preciso ir agora. Olha Stela, eu preciso ir mesmo.

Catarina se levanta, toca nos ombros de Stela e sai. Mas antes, é interrompida com a fala de Stela.

S: Catarina... Obrigada por tudo, viu?! Obrigada!

C: Imagina.

Catarina sai da casa de Stela espantada e admirada e fica ali olhando para a casa de Stela na frente de sua casa, até a chegada de seu marido Léo.

Nessa cena é explicitado o *outing* ou a saída do armário de Stela para Catarina. A passagem foi composta de maneira sensível e delicada - revelando a tendência de não-estereotipar a homossexualidade da personagem. Dentro dessa discussão, no que tange o aspecto da sexualidade na cena, enfatizamos na questão da relação do armário com a homossexualidade.

Segundo Eve Sedgwick (2007), o armário surge como um dispositivo de opressão gay do século XX, na medida em que foram *criadas* práticas e sujeitos

homossexuais e, conseqüentemente, heterossexuais. Para um homossexual, o armário é um fardo que se carrega pela vida inteira. Por mais que uma pessoa seja assumidamente gay/lésbica, em alguma ocasião ela vai ficar no armário. No caso das telenovelas, fazendo uma analogia com essa problematização acerca do armário, percebe-se uma tendência dos personagens homossexuais a revelar seu *segredo* perto ou no final da trama, o que foi denominado por Dennis Allen, em sua análise de como o homoerotismo foi representado no seriado estadunidense *Melrose Place*, de "narrativa da revelação". (COLLING, 2008).

Baseado nisso, percebemos que Stela, nessa cena, revela o seu segredo para Catarina, caracterizando assim uma espécie de transferência do armário - já que supostamente a sua amiga teria que guardar a sua homossexualidade não assumida para as outras pessoas.

Um aspecto importante a ser marcado aqui é que dentro da maioria dos grupos gays, o *outing* é aconselhado como um caminho de libertação e alegria. No entanto, a saída do armário pode gerar uma afeição por aquele/a que se revelou homossexual, mas também pode levar ao insulto e à discriminação.

Durante cada passo da revelação gay de Stela, Catarina demonstra espanto, o que nos leva a crer que ela obedece naquele momento a uma lógica que lhe é estranha, no que tange a sexualidade transgressora de sua amiga. Então, percebemos que "[...] o potencial de prejuízo no caso da revelação gay [...] resulta em parte do fato de que a identidade erótica da pessoa que assiste à revelação está provavelmente implicada na relação e, portanto, será perturbada por ela" (SEDGWICK, 2007, p. 7).

Nessa cena são destacados ainda os pensamentos de Catarina com relação às lésbicas. Ao afirmar que Stela e sua ex-companheira, Isabel, são lésbicas, porém sensíveis, percebemos um pensamento estereotipado sobre a homossexualidade feminina, além de sustentar uma suposta fixidez entre gênero - sexo - prática - desejo - pensamento combatido pela teoria queer, em especial por Judith Butler. A impressão de Catarina nos remete a uma mente que obedece a uma tentativa de enquadramento binário dos comportamentos e práticas sexuais em uma oposição entre masculino e feminino, pois supostamente as duas não poderiam ser sensíveis, mas teria que existir uma que fosse masculinizada para obedecer ao papel de gênero considerado masculino. Contudo, vale ressaltar que não se deve chegar ao reducionismo de dizer que não existem ou que não são legitimados/as homossexuais com gestualidade e práticas consideradas estereotipadas. Nas telenovelas, a estereótipo dos/as homossexuais sempre

foi presente, inclusive, como observou Colling (2008), nem todas as representações de lésbicas *caminhoneiras* e gays fechativos e afetados necessariamente reduplicam a homofobia e o preconceito - como pensam Moreno e Peret, autores que deram base para a criação da metodologia aqui usada. Colling questionou se não existem pessoas com esse tipo de comportamento e se não poderiam existir personagens nas telenovelas que tivessem comportamentos estereotipados. Ele observou que alguns desses/as personagens podem ser ou são constituídos/as de maneira humanizada.

Características gerais da personalidade do personagem: criminoso, violento, psicopata, saudável, calmo etc.:

Stela é uma personagem saudável; é destacada em sua personalidade a força de vontade e a perseverança. Essas características são sinalizadas, principalmente, na sua chegada à Triunfo, quando começa a vender quitutes em sua casa até conseguir abrir o seu restaurante. Além disso, Stela se revela como sensível e sentimental. Outra característica que foi enfatizada na composição da personagem foi a solidariedade e a amizade, principalmente com Catarina. O temperamento de Stela só mudava quando ela tratava dos embates entre Catarina e Léo ou quando o operário utilizava práticas opressivas e manifestações de homofobia e machismo.

Personagem se apresenta (assume verbalmente) como: gay, lésbica, travesti, transformista, transexual, transgênero, intersexo, bissexual:

Stela não se assume verbalmente em público como lésbica. Ela, na cena analisada anteriormente, se revela lésbica reservadamente para Catarina. Mas, após a sua revelação - feita por Léo - aos vizinhos e moradores de Triunfo, ela passa a caracterizar o comportamento das pessoas como preconceituoso, o que nos leva a crer que ela já está tendo um sentimento de pertença de ser lésbica, mesmo não se intitulando verbalmente como tal.

Em que ponto da narrativa fica claro que o personagem é homossexual?

Aproximadamente no meio da novela, Stela revela sua homossexualidade no momento em que se assume para Catarina. Posteriormente, todos da cidade de Triunfo têm conhecimento da sua sexualidade transgressora para aquele contexto, diante da revelação que Leonardo faz.

Como se dá a performatividade de gênero? Que normas ou conjunto de normas o personagem reitera e/ou reforça?

A composição da personagem Stela com artifícios que a hipersensibilizaram acabou reforçando, no âmbito corporal, o seu gênero, mas, em contrapartida, a prática sexual da personagem foi esquecida. O que fica notável é o uso de uma hipersensibilidade de Stela como uma tentativa de humanizá-la e de quebrar o estereótipo da lésbica masculinizada, mas, ao mesmo tempo, essa humanização não ocorre por completo, já que não é mostrado esse lado da prática homossexual de Stela. Será que as lésbicas sensíveis não transam?

Além disso, um tópico que fica explícito é a proposta de fazer Stela como uma personagem que lida com um ambiente que foi normatizado como feminino, como é o caso da cozinha. Algumas profissões e atitudes são direcionadas a determinados sexos/gêneros. Os processos de identificação não se dão somente no que diz respeito às normas de gênero, mas também acabam influenciando nas escolhas e nas atitudes a serem tomadas, já que

as crianças passam por um rigoroso processo de identificação dos papéis de gênero, principalmente relacionada aos produtos direcionados a elas, que têm discursos implícitos, fazendo com que um simples personagem infantil passe a mensagem de que os homens são poderosos, fortes e viris, enquanto as mulheres são complacentes, carinhosas e passivas numa relação de poder homem/mulher baseada no âmbito heterossexista. (SANCHES; SANT'ANA, 2008, p. 3)

Nessa citação vale chamar a atenção para o final, quando se diz que os papéis de gênero são vistos numa relação baseada no âmbito heterossexista. Na análise da personagem, acabamos vendo que esse reforço de papéis de gênero convencionados ao feminino dentro de uma relação heterossexual acabam reiterando a heteronormatividade da personagem Stela.

Um ponto notável na representação de Stela é uma tentativa de normalização, se não uma normatização, da homossexualidade, ao mostrar uma personagem dentro de um modelo heteronormativo. A representação da homossexualidade feminina em *A favorita* traz em seu bojo que os homossexuais precisam ser aceitos, mas a personagem vivenciada em Stela é heterossexualizada, e, além disso, a abordagem se torna tão apelativa que acaba excluindo uma diversidade não-heterossexual que não se identifica com esse modelo. Esse tipo de conduta

[...]desenvolve-se no seio mesmo de organizações homossexuais, vitimadas por um crescente bom mocismo e assimilacionismo de gay e lésbica de classe média, desejosas de se integrarem a qualquer custo no status quo, enfatizando

mais uma inclusão legalista e respeitosa do que a procura de uma sociedade multicultural. (LOPES, 2002, P. 102-103)

A representação da homossexualidade feminina em *A favorita* gera também uma discussão sobre regime que regula as distinções de gênero. Stela sofre com os pensamentos e práticas pautadas no regime da heterossexualidade compulsória e com a idéia da inteligibilidade e organização da linha gênero-sexo-desejo-prática, mesmo sendo uma personagem inscrita dentro de um modelo *parecido* com o heterossexual. Leonardo foi o personagem que mais explicitou a sua homofobia, usando do discurso que defende que a homossexualidade é uma mazela social, além de dizer que a mulher foi feita para o homem e que não existem lésbicas, mas sim mulheres que nunca *experimentaram* o sexo de um homem de verdade. Butler explicita que as pessoas que transgridem as normas não são consideradas pessoas. A prática da violência contra um/a transgressor/a de norma, se dá, segundo ela (*apud* LOURO, 2006, p.59) devido a um objetivo de manutenção de uma ordem binária do gênero, tentado construir uma estrutura sólida e enraizada - que não deverá ser ultrapassada ou questionada por nenhum indivíduo.

Butler afirma que a sociedade elabora normas que regulam e materializam o sexo das pessoas, sendo que essas normas têm que ser repetidas e ritualizadas pra que a materialização possa ocorrer efetivamente. "[...] O fato de que essa reiteração seja necessária é um sinal de que a materialização não é nunca totalmente completa, que os corpos não se conformam nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta." (BUTLER, 1999, p. 154). Butler elaborou assim a teoria da performatividade. Sobre essa teoria, ela afirma que "o gênero é performativo porque é o efeito de um regime que regula as diferenças de gênero. No dito regime os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva" (BUTLER *apud* COLLING, 2008, p. 12). John Austin (1990), na sua teoria dos atos de fala, diz que a performatividade se expressa no momento de sua fala, desde que dita nas situações adequadas - percebe-se então que as normas precisam ser reiteradas e repetidas para possam (de)marcar os limites e os modelos considerados como corretos.

Outro aspecto que se destaca é a ida de Stela e Catarina para Buenos Aires. Essa cidade é conhecida como destino preferido de gays na América Latina. As duas personagens partiram para lá - depois do rompimento de Catarina com o verdureiro Vanderlei e depois de ela ter aceitado o convite de Stela - o que nos direciona a pensar numa tentativa do autor em propor uma relação homossexual entre as duas. Se essa

relação entre as duas fosse concretizada, a homossexualidade de Catarina estaria inscrita no modelo da *narrativa da revelação*. Além disso, a criação de um pólo contra a relação de Catarina e Stela foi construído diante das práticas homofóbicas e machistas de Leonardo, o que legitimaria a relação das duas e também o que causaria uma simpatia e uma aceitação maior do público pelo casal lésbico.

Outra hipótese sobre um possível relacionamento lésbico entre as duas personagens poderia surgir rumores e pensamentos que diriam que as mulheres que sofrem violência dentro de casa teriam tendência a uma relação homossexual - revelando então um pensamento generalizador e que talvez se pautasse na hipótese de que homossexuais pervertem heterossexuais para que pudessem ter uma prática afetivo-sexual com pessoas de mesmo sexo.

Resumo conclusivo e redutor sobre a representação dos homossexuais na sociedade:

Resultado 1: forte carga de estereótipos e outras características que contribuem para a reduplicação dos preconceitos e da homofobia;

Resultado 2: caracteriza os personagens com alguns elementos da comunidade queer, constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos e a homofobia;

Resultado 3: caracteriza os personagens homossexuais dentro de um modelo heteronormativo que contribui para a reduplicação dos preconceitos e da homofobia;

Resultado 4: caracteriza os personagens homossexuais dentro de um modelo heteronormativo, mas constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos e a homofobia.

Resultado 5: indica uma representação dúbia e produz dúvida sobre o tratamento dado.

A representação de Stela se enquadra no resultado quatro. É evidente a heteronormatividade da cozinheira, mas também é notável que a representação humanizou-a. Ficou claro uma tentativa de não estereotipar a personagem. Hipersensibilizou-se Stela com o objetivo de não construir uma personagem caricata e que talvez não caísse no gosto do público - e dos movimentos gays Brasil a fora, que tanto criticam as lésbicas masculinizadas e os gays afetados. Eduardo Peret, em entrevista ao portal *A capa*, disse "achei a Stela bem construída, feita com consciência e

delicadeza, dentro dos limites da novela. A cena da declaração dela foi bem feita e cuidadosa, elogiada inclusive por algumas militantes lésbicas que não costumam assistir novela (risos)." (MAGALHÃES, 2009, p. 1).

Vale enfatizar que a personagem Stela estava em oposição ao personagem Leonardo, que era um homem maldoso, machista e homofóbico, e que teve uma abordagem negativa na novela. Ela então acabou ficando como "mocinha", numa relação de opressor e oprimido na cidade de Triunfo. Isso acabou dando mais status para legitimação e aceitação da homossexualidade dela, diante das cenas de intolerância e homofobia que a novela trouxe, enfatizando sempre para a defesa e para a normalização da homossexualidade.

A novela *A Favorita* foi audaciosa ao construir uma personagem lésbica de idade mais avançada. Stella estava na casa dos 40. As últimas telenovelas exibiram personagens jovens, como em *Mulheres Apaixonadas*, com Rafaela (Paula Picarelli) e Clara (Aline Moraes), e na novela *Senhora do Destino*, com as personagens Jenifer (Bárbara Borges) e Eleonora (Mylla Christie).

É importante notar que no decorrer da novela a personagem não tem nenhum relacionamento amoroso. Stella conta que viveu com uma mulher que morreu de câncer e que ela foi o grande amor de sua vida. Sua relação com Catarina não chega a ser concretizada, mesmo depois de revelar sua paixão por ela. O que há entre elas é uma grande amizade, uma homoafetividade. Porém, no decorrer da novela, muito se discutiu se haveria ou não um relacionamento amoroso entre elas. Algumas pessoas se posicionaram contra por alegar que esse desfecho soaria como “a mulher que ficou com outra mulher por falta de opções masculinas”, já que Catarina se decepcionou com o marido.

A atriz Lília Cabral disse, em entrevista ao *Folha Online*:

Nunca houve em novela uma cena de revelação da opção sexual, como a cena da Stela ao falar para a Catarina que gosta de mulheres. Foi tão bem escrita, tão delicada, que aquilo que a imprensa queria fazer alarde foi tudo por terra. O público está atento à discussão, está aceitando, discutindo e respeitando. Essa novela não está mostrando relacionamentos homossexuais, está discutindo o preconceito, e isso é mais importante. (UHELSKI, 2008, p. 1)

Porém, fica a dúvida: será que mostrar relacionamentos homossexuais não é, sobretudo, discutir o preconceito? Na época da novela *Dois Caras*, Lília comentou a respeito do suposto beijo que não ocorreu entre as personagens Bernardinho (Thiago Mendonça) e Carlão (Lugui Palhares): “Eu acho que essa história [do beijo gay] torna tudo muito pequeno. O beijo é na intimidade”. Contudo, não é assim que ocorre nos

relacionamentos heterossexuais representados nas telenovelas onde as práticas sexuais são mostradas sem quase nenhum pudor?

A atriz Paula Burlamaqui, que interpretou Stela, em entrevista à revista *Contigo*, afirmou: “[...] Uma mulher se apaixonar por outra é uma coisa que pode acontecer com qualquer pessoa. E não precisa ser uma mulher masculina. O João (*Emanuel Carneiro, autor da novela*) está mostrando pessoas normais. [...]” (Universe Mix, 2008, p. 1). Ou seja, percebe-se aí um discurso heteronormativo. É fácil deduzir que a feminilidade da personagem foi fundamental para conquistar a simpatia e aceitação do telespectador. Se ela fosse representada com características masculinas, uma “sapatona caminhoneira” com certeza haveria críticas do público gay e acusações de homofobia.

Comparando a representação da homossexualidade feminina em *A favorita* com outras dos anos 2000, percebemos que Stela assume o mesmo caráter performativo das personagens lésbicas de *Mulheres Apaixonadas*. Maycon Lopes (2008), em análise a essa obra, afirma que

despidas de qualquer erotização, numa hipersensibilidade que chega quase a dispensar o tato, as lésbicas de *Mulheres Apaixonadas* reiteram performativamente os papéis dominantes atribuídos ao gênero [feminino] a que são recrutadas, sugerindo uma propensão ao afeto [...]. (LOPES, 2008, p. 16)

Diante disso, percebemos um aspecto parecido com o de Stela, um triunfo de uma sensibilidade exacerbada sob um desejo sexual e carnal que foi tratado de ser reprimido na representação. A outra novela que trouxe a representação de lésbicas em seu enredo nos anos 2000 foi *Senhora do destino*. Nessa novela, existe uma sensibilização das homossexuais, mas não chega ao aceptismo visto nas outras duas novelas. "A novela mostrou muitos selinhos entre elas, como até então não se havia visto, e cenas sensuais das duas seminuas deitadas juntas. Mesmo assim, foram cenas de pouca carga erótica desenvolvida entre as duas numa relação dos dois corpos." (LIMA, 2008, p. 20). Vemos que apesar da ênfase do autor em ter havido pouca carga erótica entre as duas personagens lésbicas, essa representação já difere um pouco da vista em *A favorita*.

Numa análise a luz da teoria queer, ponderamos que, ao comparar as três obras, a heteronormatividade é um fator comum entre as representações. As lésbicas das três novelas pouco transgridem a norma. Sobre essa heteronormatividade vista nas representações Colling questiona

[...] não estaria embutida nesse discurso uma vontade de enquadrar os gays e as lésbicas em um determinado comportamento, que também se manifesta no discurso de que todos (homossexuais e heterossexuais) são iguais? Não

haveria nesse discurso algo de heteronormativo, especialmente quando é possível perceber certo elogio ou torcida quando personagens não afetados são bem aceitos pela audiência e, portanto, enquadrados na categoria de personagens que colaboram para a diminuição dos preconceitos e da homofobia? (COLLING, 2008, p. 4)

O final em aberto de Stela e Catarina em *A favorita* deixou no ar uma possível relação homossexual entre as duas. Como ressaltou Eduardo Peret em sua entrevista ao portal *A capa*, poucas pessoas sabem ou ignoram o fato de que Buenos Aires é um dos mais significativos destinos *gay-friendly* da América Latina. Se o relacionamento fosse concretizado, em parte, satisfaria o desejo da maioria da comunidade gay que torcia pelo relacionamento das duas.

Em entrevista ao portal *G1*, o autor da novela João Emanuel Carneiro após falar sobre o surgimento de uma personagem lésbica disse que as suas novelas são um sucesso por provocar o público (G1, 2008), mas, em vez de incomodar com uma personagem homossexual "diferente", acabou caindo na heteronormatividade, construindo uma personagem que foi humanizada, mas que pouco transgrediu as normas sociais.

Referências

AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. 136p.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes. *O Corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.151-172

COLLING, Leandro. Aquenda a metodologia! uma proposta a partir da análise de avental todo sujo de ovo. *Trabalho apresentado no IV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, realizado entre os dias 28 a 30 de maio de 2008, na Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil. Disponível em <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14306.pdf>> - capturado em 10 de janeiro de 2009.

_____. Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. *Revista Gênero*, volume 8, número 1, segundo semestre de 2007, Niterói: EDUFF, p. 207 a 222.

COLLING, Leandro; CONCEIÇÃO, Caio Barbosa. A representação da homossexualidade na telenovela *Duas Caras*. In: *IV Congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura - Retratos do Brasil Homossexual*, São Paulo,

2008.

FOCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1995.

PORTAL G1. '*Quero incomodar o espectador*', diz autor de 'A favorita'. Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Cinema/0,,MUL714003-7086,00-QUERO+INCOMODAR+O+ESPECTADOR+DIZ+AUTOR+DE+A+FAVORITA.htm>; Acessado em: 21 de fevereiro de 2009.

LIMA, Marcelo. Estranhas no “Paraíso”: Análise das personagens homossexuais femininas em *Senhora do Destino*. Trabalho apresentado no I EBECULT – Encontro Baiano de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado nos dias 11 e 12 de dezembro de 2008 na Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil. CD-ROM Anais EBECULT. Acessado em 17 de janeiro de 2009.

LOPES, Denilson. Terceiro Manifesto Camp. In: *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002, p.89-120.

LOPES, Maycon Silva. Sapatilhas acanhadas: a homossexualidade na telenovela *Mulheres Apaixonadas*. Trabalho apresentado no I EBECULT – Encontro Baiano de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado nos dias 11 e 12 de dezembro de 2008 na Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil. CD-ROM Anais EBECULT. Acessado em 17 de janeiro de 2009.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAGALHÃES, William. *Mestre em Comunicação analisa final de personagens gays em A Favorita*. 2009. Disponível em <<http://www.acapa.com.br/site/noticia.asp?codigo=6936>>; Acessado em 23 de janeiro de 2009.

MORENO, Antonio. *A personagem homossexual no cinema brasileiro*. Niterói: EdUFF, 2001.

PERET, Luiz Eduardo Neves. *Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira*. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PINO, Nádia Perez. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis em corpos desfeitos. *Cadernos Pagu*, janeiro-junho de 2007, p.149-174.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. In: *Revista Estudos Feministas*. Volume 10, número 1, Florianópolis, janeiro de 2002.

SANCHES, Julio Cesar; SANT'ANA, Tiago. Deixa ousada até a mais santinha! Uma análise das propagandas do desodorante Axe. Trabalho apresentado no I EBECULT – Encontro Baiano de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado nos dias 11 e 12

de dezembro de 2008 na Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil. CD-ROM Anais EBECULT. Acessado em 17 de janeiro de 2009.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, 2007. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 de janeiro de 2009.

UHELSKI, Sara. "Não tenho pudor", diz Lília Cabral sobre seus personagens. *Folha Online*, São Paulo, 2008. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u467508.shtml>>; Acessado em 21 de janeiro de 2009.

UNIVERSO MIX. *Paula Burlamaqui diz nunca ter sentido atração por mulher, mas não descarta possibilidade*. Disponível em <<http://www.universomix.info/wp/celebridades/04-12-2008/4890/>>; Acessado em 21 de fevereiro de 2008.